

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

THAYNARA DE DEUS PALOTA

**DESMISTIFICANDO O VÍNCULO ENTRE DIFICULDADES  
ESCOLARES E RELAÇÕES FAMILIARES**

MARINGÁ  
2014

THAYNARA DE DEUS PALOTA

**DESMISTIFICANDO O VÍNCULO ENTRE DIFICULDADES  
ESCOLARES E RELAÇÕES FAMILIARES**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Maringá, como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Pedagogo.

Orientação: Profa. Dra. Aline Frollini  
Lunardelli Lara.

MARINGÁ  
2014

THAYNARA DE DEUS PALOTA

DESMISTIFICANDO O VÍNCULO ENTRE DIFICULDADES ESCOLARES  
E RELAÇÕES FAMILIARES

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Prof. Dra. Aline Frollini Lunardelli Lara.

Aprovado em 04/11/2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Aline Frollini Lunardelli Lara.

---

Profa. Ms. Lucinéia Maria Lazaretti

---

Profa. Ms. Francine Marcondes Castro Oliveira

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primordialmente a Deus, nosso Pai que nos dá o privilégio de vivenciar a luz de cada dia, sendo nosso escudo e guia nos fortalecendo para conseguir superar os obstáculos que encontramos pelo caminho.

À minha família, um dos maiores tesouros que um ser humano pode ter. Em especial a grande mulher que tenho como honra ser minha mãe, Luzia, e meu pai Luís Carlos, que sempre acreditaram e apostaram em mim, me dando todo apoio e educação, resultando na mulher que hoje sou.

À minha irmã Patrícia e cunhado Helcio, que sempre torceram pela minha vitória e realizaram meu grande sonho de ser tia da Stefany, o anjinho que fez o meu viver mais colorido e motivador. Agradeço, também, à minha irmã Anna Karla, por me fazer rir a todo momento e ser minha companheira nos grupos de oração.

À minha espetacular tia Elizabete, que recentemente partiu desse mundo deixando entre nós seu exemplo de mulher e o brilho do seu sorriso. A seu esposo Valter e filha Sara, os quais me orgulho muito por continuarem fervorosos na fé e sempre me apoiarem nos momentos bons e principalmente nos obscuros e turbulentos, me dando forças para não cessar.

À minha professora e orientadora Aline, por toda sua dedicação, atenção e compromisso, sempre me ajudando e auxiliando na execução desta pesquisa.

Aos meus verdadeiros amigos, que sempre estiveram do meu lado me proporcionando momentos maravilhosos e inesquecíveis.

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota” (Theodore Roosevelt).

## SUMÁRIO

1 -	INTRODUÇÃO .....	08
2 -	DESMISTIFICANDO ALGUMAS JUSTIFICATIVAS ACERCA DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM .....	16
3-	METODOLOGIA.....	21
3.1-	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	21
3.2-	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	22
4-	ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE AS JUSTIFICATIVAS ATRIBUÍDAS AO FRACASSO ESCOLAR.....	24
4.1-	JUSTIFICATIVAS CENTRADAS NO AMBIENTE FAMILIAR.....	29
4.2-	ARTIGOS QUE CRITICAM A VISÃO CENTRADA NO ALUNO E SUA FAMÍLIA.....	36
4.3-	JUSTIFICATIVAS CENTRADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR/ AMBIENTE ESCOLAR.....	39
5-	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	46
	FONTES.....	47

## RESUMO

Compreendemos que o fracasso escolar é visto como algo comum, repleto de justificativas e tratado com indiferença por alguns profissionais da Educação. O problema para essa pesquisa, assim, formulou-se: quais relações pedagógicas são descritas na literatura acadêmica para o ensino das crianças que apresentam condições familiares desfavoráveis? Partindo dessas questões, estabelecemos como objetivo geral, investigar quais relações pedagógicas, descritas na literatura acadêmica, favorecem o desenvolvimento escolar de crianças, apesar das condições desfavoráveis familiares nas quais se encontram. Metodologicamente realizamos um trabalho de caráter qualitativo, por meio de pesquisa bibliográfica. Foram pesquisados na literatura acadêmica entre 2003 a 2013 trabalhos que abordam a temática, possibilitando desmistificar as afirmações que relacionam dificuldades escolares a conflitos familiares. O estudo se fundamentou nas obras de Patto (1984, 1988, 1990, 1994) a partir de uma concepção crítica de Psicologia e de Educação que pressupõe que atributos individuais ou familiares isoladamente não podem explicar processos de escolarização. Ao final do trabalho constatou-se que nas instituições de ensino, prevalece a visão tradicional, que justifica o não aprender dos alunos em suas relações familiares. Nos dados analisados averiguou-se a ausência de estratégias pedagógicas para o ensino dos alunos, independente das condições familiares.

**Palavras-chave:** Ambiente familiar. Conflitos familiares x Desempenho escolar. Dificuldades de aprendizagem. Fracasso escolar.

## ABSTRACT

It's comprehensible that failure in school is seen as something ordinary, full of justifications and treated with indifference by some education professionals. The problem for this research followed: Do the relations established by the school with children who present family dynamics which are troubling to school performance promote their development or maintain difficulties? If learning at school is or should be orientated by scientifically proven pedagogical relations, is it possible to say that the extra pedagogical family issues determine success or failure at learning? From these questions, the overall objective established is to investigate which pedagogical relations, described in academic literature, favor the school development of children, independently of the unfavorable extracurricular conditions in which they are found. Methodologically this paper is of qualitative characteristics, through bibliographic research. Papers from 2003 to 2013 in academic literature which approach the thematic were researched, making it possible to unravel the assertions that relate learning troubles and family conflicts. This study is founded on the works of Patto (1984, 1988, 1990, 1994) from a critical perspective of psychology and education which implies that individual or family attributes themselves aren't able to explain the learning processes. In the end of this paper, it was verified that in the educational institutions, the traditional vision prevails, explaining the not learning of students in their family relations. In the analyzed data, the absence of pedagogical strategies to the teaching of students was noticed, regardless of their family conditions.

**Keywords:** Family environment, Family conflicts x School performance. Difficulties to learn. School failure.

## 1 INTRODUÇÃO

No cotidiano escolar, frequentemente, professores e equipe pedagógica se deparam com situações de não aprendizagem ou de alunos que, segundo a escola, não correspondem ao desempenho esperado. Mais comum ainda parecem ser as explicações para esses fenômenos. Embora haja um conjunto de respostas para a questão “Por que determinado aluno não aprende”, geralmente o foco incide sobre as relações familiares que supostamente poderiam, numa relação de causa e efeito, explicar e justificar as dificuldades encontradas nas salas de aula.

Aprender e não aprender, elos de um mesmo processo, são comumente vistos como um atributo do aluno. Com o auxílio de conhecimentos da biologia e, principalmente da psicologia, considera-se que as competências cognitivas dos educandos podem ser afetadas por relações familiares que fogem ao modelo estabelecido por uma sociedade em cada época e que é absorvido nos espaços escolares.

Esta pesquisa tem como intuito sistematizar o conhecimento já elaborado sobre as estratégias pedagógicas para o ensino de crianças que apresentam dificuldades em seu processo de escolarização, segundo perspectiva da escola, para verificarmos o que verdadeiramente compete à escola e aos profissionais da educação, a despeito das ocorrências extra-pedagógicas, especialmente familiares, as quais, na maioria das vezes, são utilizadas de forma errônea para justificar o fracasso escolar. Cabe à escola ensinar todos os alunos, independentemente do contexto no qual eles vivem, pois todos são capazes de aprender e ter um bom desempenho escolar. O fato de o aluno viver em um ambiente conflituoso não significa que isto determinará negativamente em seu rendimento escolar.

A motivação para a realização deste foi resultante das experiências vividas nos estágios obrigatórios e remunerados durante a graduação. Momentos pelos quais podemos ter contato com processo de escolarização de vários alunos, sendo perceptível as mais diversas justificativas do “não aprender” focadas nas relações conflituosas familiares.

A preocupação com a relação entre o ensino e aprendizagem é objeto de estudo da psicologia desde o final do século XIX, quando surge como ciência.

Sendo assim, com o passar dos anos e com o aprimoramento da sociedade em geral, houve uma necessidade de estudar o indivíduo com detalhes, isto é, suas relações, aptidões, capacidades e necessidades, para assim, acompanhando os progressos da sociedade, formar esses sujeitos. No final do século XIX e início do século XX, a psicologia entra em ação juntamente com a educação, cabendo assim ao “[...] psicólogo escolar, enquanto engenheiro humano ou ergonômista estar voltado para as dimensões do ambiente escolar que podem diminuir ou aumentar a produtividade de docentes, discentes, técnicos e funcionários” (PATTO, 1984, p.104). Passa ser objetivo da psicologia escolar encontrar estratégias para alcançar a eficiência para o ambiente escolar, bem como o bom desenvolvimento escolar dos alunos.

Pesquisas contam com a participação da Psicologia no pensamento educacional brasileiro, que analisa a “criança-problema” ou “problema de aprendizagem”, cuja origem data do início do século XX.

Neste momento, o pensamento psicanalítico questionava a visão inatista de que o não aprender ocorria em função de poucas habilidades e aptidões advindas de herança genética [...] questionava o caráter inato da aprendizagem e defendia a importância do papel da família no desenvolvimento de uma criança saudável [...] o tratamento à “criança-problema” passa a ser oferecido em clínicas, dentro ou fora da escola, mas com um enfoque no tratamento da criança e sua família (SOUZA, 2002, p.49-50).

No final do século XIX e início do século XX, a psicologia traça como objetivo descobrir os sujeitos que eram mais e menos aptos para a ascensão social, ou seja, ao trabalho, considerando que os privilégios não eram adquiridos no nascimento, assim cita Calado (2010, p. 24):

[...] psicólogos, médicos e outros cientistas ilustres elaboraram teorias, mostrando que as aptidões humanas eram herdadas geneticamente [...] testes para medir aptidões e a inteligência, para explicar as dificuldades de aprendizagem e a ascensão, as melhores posições sociais dos mais talentosos.

Em decorrência dos estudos e dos testes que acima foram citados, as

crianças que apresentassem “anormalidades” eram nomeadas como “crianças problema”, as quais eram diagnosticadas por médicos psiquiatras e posteriormente por psicólogos. Com esses resultados, segundo Calado (2010), a psicanálise impôs novos conceitos mostrando que aspectos emocionais podem interferir na aprendizagem do aluno. Esse problema de aprendizagem era justificado na época ora sendo decorrência do vínculo e/ou hereditariedade familiar e, em outros estudos, acreditava-se ser de responsabilidade da escola, na qual o “[...] sucesso da aprendizagem se devia principalmente à estrutura e ao funcionamento da escola, dando atenção para a influência ambiental” (CALADO, 2010, p.25).

A psicologia ao longo do século XX se caracteriza por realizar estudos sobre o ensino e a aprendizagem e também por criar instrumentos de avaliação psicológica dos alunos. As pesquisas buscavam soluções tecnicistas para os problemas de ensino, por isso os testes psicológicos eram muitos utilizados. Na segunda metade do século XX, o fracasso escolar era avaliado como “[...] resultado de um processo de ensino que desconsiderava a precariedade da crescente proporção de alunos pobres que chegavam às escolas” (CALADO, 2010, p.26), uma vez que os problemas de aprendizagem existiam, pois se acreditava que as escolas ensinavam os alunos sem levar em consideração as suas condições socioeconômicas e psicológicas.

A autora afirma que durante o século XX sempre permaneceu uma visão reducionista e ideológica dos problemas de aprendizagem, com o foco no aluno, “[...] que desconsidera e até encobre as dificuldades geradas pelo sistema educacional” (CALADO, 2010, p. 26). As dificuldades escolares são atribuídas às crianças ou às suas famílias, sendo que os resultados obtidos nos testes realizados com os alunos sempre resultam em orientação aos pais, porém orientação com a escola ou com o professor na maioria das vezes não acontece. Isto tudo “[...] implica negar qualquer influência da escola no rendimento e comportamento da criança” (CALADO, 2010, p. 26). Por sua vez, a equipe pedagógica, para justificar o baixo rendimento escolar, alega que as crianças estão com dificuldades no processo de escolarização, uma vez que o ambiente escolar é diferente do familiar.

De acordo com Viégas (2007 apud CALADO, 2010), a escola é a grande responsável na produção do fracasso escolar e na sua transformação. Representando a visão que considera que as dificuldades devem ser compreendidas nos processos de escolarização, a autora afirma que:

É necessário superar a análise superficial com foco no aluno, em sua família e classe social/raça, com o problema de desenvolvimento. É preciso investigar que escola é essa em que a criança estuda: estrutura física e pedagógica, corpo docente e diretivo, expectativas em relação ao aluno encaminhado, ao real papel do projeto político pedagógico na vida escolar, o material didático, a política educacional vigente (CALADO, 2010, p.33)

Chechia (2009, p. 8), analisa que o envolvimento dos pais no ambiente escolar de seus filhos “[...] tem sido considerado como um dos determinantes do êxito escolar e da qualidade da aprendizagem”. Isso significa que uma boa aprendizagem tem sido vinculada especialmente ao envolvimento dos pais na vida escolar dos alunos, caso contrário, isto poderia interferir em uma aprendizagem de qualidade. “[...] a melhoria no desempenho escolar dos filhos com insucesso, é a participação da família na vida escolar, por meio de uma relação de apoio e estímulo” (CHECHIA, 2009, p. 8).

De acordo com as pesquisas realizadas pela autora com grupos de pais e alunos, percebe-se que o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos pode contribuir com seu desenvolvimento, influenciando de forma considerável a aprendizagem.

Esta relação entre escola e família ou entre desempenho escolar e “boas” condições familiares ganhou, segundo Patto (1984), o apoio da Psicologia desde o início do século XX.

Souza (2002, p. 50) afirma que o problema do não aprender era considerado resultante de “[...] uma relação familiar inadequada, mal resolvida”, ou seja, através do aluno, a escola e sociedade rotulavam a família como boa ou ruim.

Em geral, as pesquisas da área educacional tendem a localizar nos indivíduos isoladamente explicações para o chamado fracasso escolar. Os professores rotulam os educandos dizendo que não conseguirão aprender, devido a diversos tipos de problemas como: divórcio, falecimento de algum ente familiar, desemprego, dependência química dos responsáveis, estruturas familiares diferentes da família nuclear, gravidez precoce, muitos filhos, brigas familiares, pais que não acompanham as atividades escolares, nascimento de irmãos etc.

Os profissionais de educação, juntamente com a psicologia escolar, começam a indagar, diante desses problemas citados, o que compete à escola, ou seja, a influência que as instituições de ensino exercem na produção desses “problemas de

aprendizagem”, deste modo professores são responsabilizados quando os alunos não aprendem ou não atingem índices de desenvolvimento considerados adequados para sua série/idade. Governantes e administradores avaliam que o problema está na qualidade da formação docente. Profissionais da saúde, por sua vez, invocam doenças como as causadoras do mau desempenho escolar. Pais, sem alternativa, concordam que seus filhos devem estar doentes.

Diante de diversas explicações e justificativas para o fracasso escolar, é comum que o foco incida sobre as relações familiares. Sendo assim, neste trabalho serão discutidas as possíveis influências de tais relações no desenvolvimento escolar dos alunos e até que ponto essas influências determinam de forma negativa o desenvolvimento dos sujeitos, sendo que, em princípio, já é possível ao menos questionar como fatores extra-escolares podem explicar, numa relação direta de causa e efeito, problemas escolares.

A partir deste cenário, o presente trabalho tem como pressuposto que as condições extra-escolares não podem explicar os processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, as relações familiares não podem determinar o sucesso ou o fracasso no aprender, porque a aprendizagem depende de condições escolares específicas e interrelacionadas, como: planejamento, currículo, formação docente, comprometimento docente com o ensino, concepções de educação, de saúde e de família, estereótipos e preconceitos contra as crianças e as famílias das classes populares. Sendo assim, formulamos a seguinte pergunta de pesquisa: quais relações pedagógicas são descritas na literatura acadêmica para o ensino das crianças que apresentam condições familiares desfavoráveis?

Na literatura, há diversos pesquisadores que associam a não-aprendizagem a problemas familiares. Dessa maneira, os professores internalizam esse discurso e desistem dos alunos, deixando de ensiná-los. Todavia, considera-se que não há relação direta entre dificuldades escolares e conflitos familiares. Existem crianças que vivem em contextos familiares, emocionais e psíquicos tumultuados e aprendem. Será que o ambiente familiar é determinante para as condições escolares? Independente das condições familiares, o que compete à escola? Como ensinar as crianças mesmo que elas vivam em contextos extra-escolares conflituosos?

Para Ferreira e Marturano (2002), a adversidade do ambiente familiar exerce grande influência no baixo rendimento escolar das crianças e na interação

interpessoal delas. Considerando as negativas influências no rendimento escolar dos alunos, as autoras realizaram uma pesquisa em uma clínica-escola com crianças de ambos os sexos, com faixa etária entre 7 e 11 anos que apresentavam dificuldades escolares:

[...] Os resultados indicaram que o grupo que possui um baixo desempenho escolar provém do ambiente familiar que apresenta menos recursos e maior adversidade, incluindo problemas nas relações interpessoais, falhas parentais quanto à supervisão, monitoramento e suporte, indícios de menor investimento dos pais no desenvolvimento da criança, práticas punitivas e modelos adultos agressivos. As dificuldades escolares aumentam a vulnerabilidade da criança para inadaptação psicossocial. Enfatiza-se a importância de incluir a família (FERREIRA; MARTURANO, 2002, p.37)

Em outras palavras, Ferreira e Marturano (2002) consideram que a maioria dos problemas apresentados pelas crianças nas escolas são reflexos do contexto ambiental em que a criança vive, onde muitas vezes os pais são violentos, estão vivenciando luto na família, passando por crise financeira, famílias consideradas desestruturadas. E se essa relação é de causa e efeito, como propõem as autoras, poderíamos concluir que o desenvolvimento da criança estaria todo comprometido e, assim, a equipe pedagógica nada poderia fazer diante desses casos tão comuns no ambiente escolar, uma vez que acreditam e utilizam a justificativa de que não se pode ensinar uma criança que está condenada ao fracasso, pois: “[...] variáveis familiares podem contribuir para a persistência dos problemas” (FERREIRA; MARTURANO, 2002, p.36-37). Exime-se, desse modo, a responsabilidade da escola em ensinar e contribuir com o desenvolvimento do aluno.

Em outro artigo, Marturano (1999) afirma que o ambiente familiar e os seus conflitos podem influenciar negativamente no desenvolvimento escolar do aluno, porém a escola pode utilizar mecanismos para favorecer esse desenvolvimento. No entanto, alerta: “No caso da criança que fracassa, a escola, que em princípio poderia prover mecanismos protetores, aparece como instância que contribui para aumentar a vulnerabilidade frente a riscos” (MARTURANO, 1999, p.135), ou seja, ao invés de a escola contribuir positivamente no desempenho escolar do aluno, ela acaba dificultando mais ainda o seu desenvolvimento, por acreditar que ele é e sempre será incapacitado de um bom resultado escolar, devido aos fatores negativos do ambiente em que vive.

Chechia (2007) argumenta que a escola muitas vezes influencia de forma negativa na vida escolar. Outro ponto ressaltado pela autora é de que a escola busca ter o envolvimento dos pais no âmbito escolar de seus filhos, uma vez que esse envolvimento significa superação das dificuldades. Tal participação dos pais com a instituição de ensino, “inclui vários elementos acerca dos assuntos da escola, os quais permitem desenvolver uma cultura de participação que deve ser vista como um processo permanente de equilíbrio da relação família-escola” (CHECHIA, 2010, p.30). Portanto, o envolvimento dos pais na educação do estudante propicia o melhor desempenho e adaptação do aluno na escola.

Parte-se do princípio, nesta pesquisa, que a educação só obtém resultados favoráveis quando são utilizados mecanismos de articulação entre o ambiente familiar e o escolar, compreendendo o que é específico e característico da educação escolar. Utilizar a dinâmica familiar extra-escolar como explicação para possíveis dificuldades no processo de escolarização parece-nos meio de desviar a atenção dos motivos pedagógicos escolares que de fato interferem na relação ensino-aprendizagem.

Todavia, segundo Marturano (1999, p.135):

Os estudos citados sugerem que a presença de recursos no ambiente familiar tem impacto positivo sobre o desempenho escolar, quando inclui uma combinação entre dois conjuntos de condições: (a) experiências ativas de aprendizagem, que promovem competência cognitiva; (b) um contexto social em que o estilo de interação e relações promove autoconfiança e interesse ativo em aprender independentemente da instrução formal. Por outro lado, circunstâncias adversas, como discórdia conjugal e familiar, parecem afetar negativamente o desenvolvimento sócio-emocional.

Com base nos estudos realizados por Marturano (1999), é possível afirmar que o ambiente familiar pode contribuir com o desempenho escolar do aluno, isto é, segundo a autora, o desempenho escolar está diretamente condicionado aos fatores familiares. Porém, há alunos que vivem situações conflituosas fora do ambiente escolar e apresentam um bom rendimento escolar. Se considerarmos que o desempenho escolar realmente está condicionado aos fatores extra-escolares, a escola não ensinaria nenhum aluno, pois todo ser humano passa por dificuldades em certos momentos da vida.

Conforme pesquisa realizada por Pinheiro e Weber (2012), fracasso e sucesso são termos comuns e muito utilizados no âmbito escolar pela equipe

pedagógica, uma vez que sucesso remete ao aluno com bom desempenho, que alcança tranquilamente aquilo que a escola espera e fracasso diz respeito ao aluno que apresenta dificuldades escolares, não correspondendo aos critérios que a escola determina e espera.

De acordo com Patto (1990 apud PINHEIRO; WEBER, 2012), na década de 1980 a justificativa do fracasso escolar centrava-se somente no próprio aluno e na sua família, com isso as escolas relatavam que era inevitável esse fracasso e suas consequências, uma vez que o problema era causado pelo ambiente familiar, a escola não poderia contribuir com absolutamente nada.

Nesta pesquisa, consideramos que as situações familiares e as condições desfavoráveis de vida em geral, podendo ou não influenciar na vida escolar do aluno, não impedem, ou pelo menos não deveriam impedir, a escola de proporcionar novos mecanismos e estratégias que contribuam positivamente com o desempenho escolar. Na maioria da literatura acadêmica que aborda esse tema, é comum os autores apontarem os problemas familiares como justificativa para o não aprender. Souza (2002, p. 52), no entanto, indica que, “[...] há uma tendência nas pesquisas realizadas de questionar a localização das causas dos problemas de aprendizagem na criança, em sua família ou em suas condições de vida”.

Partindo deste contexto o presente trabalho apresenta como objetivo geral investigar quais relações pedagógicas, descritas na literatura acadêmica, favorecem o desenvolvimento escolar de crianças, apesar das condições desfavoráveis familiares nas quais se encontram. E como objetivos específicos, identificar e analisar na literatura quais princípios pedagógicos norteiam o trabalho escolar a fim de promover a aprendizagem dos alunos, a despeito de seus problemas familiares extra-pedagógicos.

Mas o que compete ou deveria competir à escola por meio de práticas pedagógicas são soluções e/ou mecanismos, a fim de reverter o grande índice de dificuldades escolares, assim cita a autora: “[...] a existência de dificuldades pessoais ou familiares por parte do aluno não exclui a participação do educador na busca de alternativas educacionais” (SOUZA, 2002, p.52), uma vez que a escola é um ambiente democrático e deve ensinar a todos sem exceções, criando estratégias para que todos os indivíduos tenham o direito garantido de aprendizagem e desenvolvimento intelectual.

Em linhas gerais, com o presente trabalho pretende-se contribuir para a formação acadêmica docente, elencando, assim, estratégias pedagógicas, bem como alternativas teórico-práticas que possam contribuir com as crianças a despeito dos conflitos familiares, desmitificando, desse modo, as diversas justificativas que focam apenas nos conflitos, sem abordar o que realmente compete à escola e aos educadores, atingindo diretamente os alunos que, por sua vez, deixam de aprender.

## 2 DESMISTIFICANDO ALGUMAS JUSTIFICATIVAS ACERCA DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A abordagem desta pesquisa se dá por analisar estudos que exibem a temática *relação entre dificuldades escolares e conflitos familiares*, tendo como principal referência teórica as investigações de Maria Helena Souza Patto, realizadas entre os anos de 1980 e 1990 sobre a produção do fracasso escolar. Trata-se de uma concepção crítica de Psicologia e de Educação que denuncia que atributos individuais ou familiares isoladamente não podem explicar processos de escolarização.

Para Patto (1988, p.75), a prática docente deve dispor de uma boa qualidade, mesmo diante de uma realidade social, política e econômica que não favoreça seu trabalho. Ainda, as escolas, devem se “[...] comprometer com o desenvolvimento, com a capacidade intelectual e cognitiva dos alunos”, a despeito de suas condições extraescolares, como supostos conflitos familiares.

A autora considera que as pesquisas sobre fracasso escolar tradicionalmente se prendem em análises nas quais, “[...] a realidade é segmentada em ‘variáveis’ que supostamente mantêm em si relações simples de causa e efeito” (PATTO, 1988, p.75), nas quais as causas são explicadas, na maioria das vezes, pelos profissionais da educação, como sendo resultado de uma vida extra escolar conflituosa, que não permite aos alunos se desenvolverem na escola, comprometendo assim seu desempenho escolar.

É necessário examinar mais detalhadamente, “[...] fazendo uma análise crítica para encontrar soluções, para os altos índices de evasão e repetência nas escolas” (PATTO, 1988, p.76). Não se deve focar e enfatizar justificativas, e sim buscar práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento de todos os alunos, sem rotular nenhum, pois, como afirma a autora, não podemos culpar a escola sendo a causadora ou responsável de todos os problemas da aprendizagem, todavia no ambiente escolar, podemos dizer que os alunos têm uma confirmação de sua desvalorização e inadequação por serem membros de famílias desestruturadas ou até mesmo de uma classe social desfavorável, segundo perspectiva da escola.

Como já foram citadas acima, as justificativas e as respostas para o fracasso escolar são inúmeras, porém não cessam e não resolvem os problemas de aprendizagem. Patto (1988, p. 76-77) avalia:

[...] torna-se necessário buscar outros referenciais teórico-metodológicos para a pesquisa educacional, com o objetivo de contribuir para uma compreensão do problema do fracasso escolar mais fiel a sua complexidade.

Em outros dizeres, é de responsabilidade das instituições de ensino e dos profissionais de educação tomar frente desses problemas citados anteriormente, buscando novas configurações para as pesquisas educacionais, que possibilitem encontrar alternativas, estratégias e mecanismos educacionais que proporcionem a qualidade do aprendizado, independente do contexto no qual vivem as crianças.

Como citado, é necessário esquadrihar novas formas para pesquisas educacionais, uma vez que “[...] não se pode negar que a rede escolar foi significativamente ampliada, mas é inegável também que a escola que aí está não consegue ensinar os conteúdos escolares à maioria dos que a procuram [...]” (PATTO, 1992, p.108).

A rede escolar tem ampliado com o passar dos tempos, porém ainda continuam sem obter o sucesso da aprendizagem dos alunos, aumentando assim o índice de fracasso escolar. É possível perceber que algumas pesquisas educacionais buscam justificar o fracasso escolar na má estrutura familiar, concepções genéticas e ambientalistas da inteligência, tirando o foco das responsabilidades, as quais cabem à escola, que são as de possibilitar e buscar estratégias para o ensino-aprendizagem dos alunos, sem os rotularem pela vida exterior a escola.

Cardoso (1949, p.82-83, apud PATTO, 1992, p.111) nos dá um grande exemplo de “confluência de opinião, estereótipo, preconceito e discurso científico”:

O que a escola procura construir, a família destrói, num momento reduz a pó [...]. A escola aconselha as boas maneiras, procura difundir bons hábitos sociais de polidez. Mas como no morro, na casa de cômodos, isso nada exprime e até se torna ridículo empregar “com licença”, “desculpe”, “muito obrigado”.

A citação acima que Patto (1992) apresenta em seu texto, nos mostra explicitamente um exemplo de confirmação da desvalorização de alunos vindos de

famílias das classes populares, que muitas vezes é feita pela escola e sua equipe pedagógica.

As escolas estereotipam os alunos ideais que nela devem ingressar, isto é, esperam receber alunos que correspondam as suas expectativas, alunos frutos de um modelo padrão de família nuclear, com poucos filhos, que o pai e a mãe trabalhem, desde que a mãe não se torne ausente dentro de casa e da vida escolar de seus filhos, como na citação a seguir, de um relato realizado por uma professora. Segundo ela, seu aluno não se desenvolve, pois: “Fica em casa com os irmãos porque a mãe sai para trabalhar [...] não sei se é assim por causa de ficar sozinho, às vezes sente falta da mãe, credo!” (PATTO, 1990, p. 432). A família, segundo a escola, deve ter uma boa estrutura social, cultural e financeira, uma vez que o aluno é visto como reflexo de sua família.

As instituições de ensino criam expectativas sobre os alunos; caso o esperado não ocorra, de acordo com as escolas, isso condicionará o “não” sucesso escolar do estudante, contudo isso realmente é verdade? De fato a família interfere e determina as condições escolares do educando? Devemos rotular o aluno por sua família ou por sua vida externa ao âmbito escolar?

Segundo análise dos relatórios feitos por professores presentes no livro de Patto (1990), as justificativas para o fracasso escolar dos alunos, sempre são associadas exclusivamente ao indivíduo e sua família:

Gil- Problema sério. Tem 11 anos, já foi reprovado duas vezes. Mora na favelinha. Nunca me pareceu uma criança com problemas, sempre limpinho, com uniformes. Mas na primeira reunião veio a mãe, velha, enrugada, sofrida. O irmão dele tem problema. Quando peguei a classe, a professora disse que era briguento, respondão. Sentei ele na frente. Começou a faltar. É bem fraquinho; não pegava as sílabas (PATTO, 1990, p.430)

No trecho acima, fica visível a rotulação do aluno, feita por parte das professoras. Antes de conhecer a mãe, o aluno parecia ser normal, sem apresentar problemas, mas ao conhecê-la os problemas começam a surgir, caracterizando o fracasso escolar, devido à estrutura familiar a qual o aluno pertence. Os discursos tradicionais, que associam o não aprender com o ambiente extraescolar, acabam por ser interiorizados pelos professores, fazendo com que desistam de ensinar.

O relato a seguir, sobre condições familiares, justifica o problema de aprendizagem do aluno, segundo sua professora, sendo resultado do modo pelo qual o aluno foi educado, mimado por seus familiares, por ser filho primogênito:

Já foi retido três vezes, mais uma este ano. Há muito tempo precisava ser encaminhado. A mãe é excelente, participa de tudo – APM, Clube de Mães [...]. Qualquer coisa que exija raciocínio, não faz nada. Ele lê bem; às vezes copia direito, às vezes omite letra, palavra, espelha. Tem dias que vem, pára a vista e fica fixo em alguma coisa e as lágrimas escorrem. No início do ano agradava muito ele. Quando agradei outro, chorou muito e disse: “você não gosta mais de mim...” A mãe disse: “Ele é assim mesmo, mimado, é primeiro filho”. A Marta o encaminhou para uma classe especial em outra escola. A gente tem interesse de saber o problema da criança mas os resultados nunca vêm [...] (PATTO, 1990, p. 430)

O relato apresentado mostra a posição da professora em relação as questões referentes ao aluno. Em contraposição ao excerto anterior, observa-se uma mudança de atitude acerca da relação professora-aluno.

A respeito dos rótulos, Patto (1990, p. 353) afirma que:

Os rótulos disseminam-se rapidamente na escola. Tema frequente entra as professoras, os “melhores” e os “piores” alunos tornam-se assunto de domínio público e por esta via perpetuam-se como “competentes” e “incompetentes”. A prática comum entre as professoras de fazer comentários negativos sobre as crianças diante de quem quer que seja, incluindo a própria criança, é uma das principais responsáveis pela estigmatização de que muitas são vítimas.

A pesquisa educacional nos últimos anos, segundo Patto (1992), nos mostra que as escolas têm utilizado formas preconceituosas para se referirem aos seus alunos, “[...] ‘burros’, ‘preguiçosos’, ‘imatuross’, ‘nervosos’, ‘baderneiros’, ‘agressivos’, ‘deficientes’, ‘sem raciocínio’, ‘lentos’, ‘apáticos’ [...]” (PATTO, 1992, p. 112). O preconceito e a rotulação englobam também os familiares dos estudantes, que por sua vez são:

Vistos como fonte de todas as dificuldades que as crianças apresentam no trato das coisas da escola, os pais são frequentemente referidos como “irresponsáveis”, “desinteressados”, “promíscuos”, “violentos”, “bêbados”, “nômades” e “nordestinos” [...] (PATTO, 1992, p. 113)

Essas expressões são utilizadas pelos educadores e equipe pedagógica, como forma de auto-defesa, para designarem o não aprender, como sendo incapacidades dos educandos e a falta de interesse e compromisso de seus

familiares, isto é, a escola busca na história da família e/ou do aluno aspectos que possam explicar e solucionar seu baixo rendimento escolar. Segundo Patto (1992), essa atitude da escola de rotular e confirmar a sua desvalorização, influencia diretamente de forma negativa na aprendizagem do aluno, que por sua vez desencadeia sentimentos ruins contra a escola, negando-se muitas vezes a aprender e a frequentá-la.

Com o propósito de encontrar a solução para o “problema” que, segundo a escola, é o causador do baixo rendimento escolar do aluno, chamam os pais para reuniões e/ou entrevistas, resultando no constrangimento e desconfiança, uma vez que acreditam, segundo aponta autora, “[...] que foram chamadas para ouvirem queixas sobre seus filhos” (PATTO, 1990, p. 325). Os pais por terem receio de ser cobrados ou responsabilizados pelo baixo rendimento escolar de seus filhos, muitas vezes evitam ir ou adiam a data da reunião, alegando ter outros compromissos, o que é interpretado pela escola como sendo irresponsabilidade e desinteresse.

As escolas idealizam e traçam expectativas, as quais os alunos devem corresponder, os que não alcançam o esperado pela escola, são rotulados pela equipe pedagógica, pois se acredita que a causa de tal resultado está no próprio aluno ou no ambiente familiar onde vive. Os pais acabam por concordar com o “diagnóstico” dado pela escola, aceitando ser o filho ou ele mesmo o produtor de tal consequência, como o baixo rendimento.

Partindo desse princípio, a presente pesquisa buscará nos trabalhos científicos, encontrar dentre as explicações para o fracasso escolar, possíveis estratégias e mecanismos de ensino, que vise ensinar a todos os indivíduos, cumprindo assim a sua real função.

### 3 METODOLOGIA

Neste estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44).

Para a elaboração do presente trabalho, estabelecemos como **objetivo geral**: Investigar quais relações pedagógicas, descritas na literatura acadêmica, favorecem o desenvolvimento escolar de crianças, apesar das condições desfavoráveis familiares nas quais se encontram. E como **objetivos específicos**: Identificar e analisar na literatura quais princípios pedagógicos norteiam o trabalho escolar a fim de promover a aprendizagem dos alunos, a despeito de seus problemas familiares extra-pedagógicos.

#### 3.1 Procedimentos de coleta de dados

No primeiro momento foram pesquisados na literatura acadêmica de 2003 a 2013, na base de dados *Scielo*<sup>1</sup>, trabalhos, relatos de pesquisa e experiência que abordem sobre a temática aqui destacada. Os materiais foram escolhidos pelos títulos e palavras-chave, posteriormente pelos resumos. A busca foi feita correlacionando as seguintes palavras-chave: ambiente familiar, conflitos familiares, desempenho escolar, dificuldades de aprendizagem, fracasso escolar.

O processo de coleta deu-se durante o mês de julho e agosto de 2014.

O quadro a seguir sintetiza as informações da coleta inicial dos dados:

**Quadro 1.** Seleção de trabalhos por palavras-chave, título e resumo

<b>Palavras-chave</b>	<b>Artigos encontrados</b>	<b>Artigos selecionados</b>
Ambiente familiar	8	2
Conflitos familiares	0	0
Desempenho escolar	42	4
Dificuldades de aprendizagem	22	2
Fracasso escolar	40	3
<b>Total</b>	<b>102</b>	<b>11</b>

<sup>1</sup> Scielo (Scientific Electronic Library Online): É uma biblioteca eletrônica, que possui periódicos científicos, de diversas áreas de conhecimento, sendo de livre acesso para leitores. Endereço eletrônico para acesso: [www.scielo.br](http://www.scielo.br).

Embora 102 artigos tenham sido encontrados porque em suas palavras-chaves ou títulos havia menção a algum tema vinculado a nossa pesquisa, apenas 11 foram selecionados. Os demais artigos tinham como foco temáticas bastante específicas. A partir da leitura dos títulos e dos resumos dos 102 trabalhos que foram retirados da análise, constatou-se que estes tratavam de questões distintas das quais esta pesquisa se propôs a lançar luz. Um exemplo que representa a diferença de foco entre os trabalhos escolhidos e os excluídos pode ser elucidado a partir dos títulos dos seguintes trabalhos: “Síndrome de Caim: Psicologia Escolar, Psicopedagogia e o "fracasso escolar" como mercado de trabalho”, “Dificuldades de crianças na aprendizagem da leitura na 1.ª Série do Ensino Fundamental da rede pública de ensino”. Como esta pesquisa se propõe a atingir objetivos distintos aos exemplificados, justifica-se, deste modo, sua exclusão.

### **3.2 Procedimentos de análise de dados**

Inicialmente, realizamos a leitura do resumo de cada artigo selecionado, fazendo uma primeira classificação, agrupamos os mesmos, aproximando assim, por semelhanças de ideias. Posteriormente, fizemos uma leitura dos artigos por inteiro e detalhadamente, encaminhando a análise na direção de uma divisão entre três grupos, organizados em quadros: 1. Justificativas centradas no ambiente familiar; 2. Artigos que criticam a visão centrada no aluno e sua família; 3. Justificativas centradas na prática pedagógica do professor/ ambiente escolar. Para uma melhor compreensão do leitor, em cada quadro, exemplificamos as opiniões e ideias, expressas em cada artigo, por meio de trechos mais representativos, selecionados de cada material analisado.

Vale ressaltar, que o exame dos dados coletados, discorria sobre o tema de interesse desta presente pesquisa, sendo assim, os eixos de análise foram: justificativa para a dificuldade de aprendizagem, relações entre escola e família e possíveis alternativas para superação das dificuldades escolares.

Em outras palavras, este trabalho tratou de trazer os equívocos dos estudos diante dessas temáticas, além de desmitificar as justificativas que relacionam as

dificuldades escolares com os conflitos escolares e pesquisar possíveis práticas pedagógicas que podem auxiliar educadores a lidarem com esses casos.

Se tratando de um trabalho científico e bibliográfico, ressaltamos que todas as análises foram fundamentadas nas contribuições, do nosso referencial teórico, Patto (1984, 1988, 1990, 1994).

## **4 ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE AS JUSTIFICATIVAS ATRIBUÍDAS AO FRACASSO ESCOLAR**

Após várias pesquisas e tentativas de entender e solucionar os insucessos nos processos de escolarização, ainda predomina a justificativa de que a responsabilidade do fracasso escolar e social encontra-se no indivíduo, em sua família ou em suas relações extra-escolares. Por sua vez, a escola e seus profissionais eximem-se de sua responsabilidade, que é garantir e possibilitar o desenvolvimento e educação dos alunos.

Ao justificar nas relações familiares o baixo rendimento escolar dos alunos, a escola tende a certos modismos pedagógicos, deixando de buscar estratégias para a superação do fracasso escolar, por acreditar que o aluno não irá aprender e se desenvolver, pois sua vida extra-escolar determina a aprendizagem.

Partindo dessas visões a respeito das causas geradoras das dificuldades nos processos de aprendizagem escolar, analisamos que muitas vezes as instituições de ensino, ao invés de contribuírem com o desenvolvimento escolar do aluno com dificuldades, acabam por mantê-lo no fracasso escolar.

Qual é o verdadeiro papel que compete à escola? Quais estratégias e mecanismos as instituições de ensino têm buscado e realizado para cessar as dificuldades de aprendizagem?

Diante dessas indagações, este trabalho buscou nas pesquisas analisadas, as diversas justificativas para o fracasso escolar e possíveis estratégias para superação das dificuldades de aprendizagem.

As pesquisas realizadas pela Patto (1984, 1988, 1990,1994), acerca da produção do fracasso escolar, nos forneceram ricos conteúdos e dados, ajudando-nos na realização da presente pesquisa. Patto (1990) acompanhou e descreveu a vida escolar e extraescolar de quatro estudantes que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Essas análises contribuíram na desmitificação das diversas justificativas acerca do fracasso escolar, evidenciando que as instituições de ensino são:

[...] orientadas por uma psicologia educacional instrumental que tradicionalmente administra a improdutividade da escola desviando a atenção de todos para o aprendiz, como se sua maneira de ser na escola

fosse um “em si” anterior e exterior ao que se passa no processo de ensino [...] ( PATTO,1990, p. 352)

Portanto, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos desta pesquisa, organizamos os dados coletados e analisados em um quadro, de acordo com as explicações apresentadas pelos autores, sobre a causa das dificuldades de aprendizagem. Em segundo plano, para melhor compreensão e comparação, organizamos em três quadros as diferentes justificativas apresentadas pelos autores para o fracasso escolar e as alternativas para a superação dos problemas de aprendizagem.

O quadro a seguir, apresentará a classificação e aproximando por semelhanças de ideias e justificativas que os autores utilizam para explicar a causa da produção do fracasso escolar:

**Quadro 1.** Principais explicações para a não aprendizagem

ARTIGO	REFERÊNCIA	FORMAÇÃO DOS AUTORES	EXPLICAÇÃO PARA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM
1	MACEDO, C. S.; et al. Alterações cognitivas em escolares de classe socio-econômica desfavorecida. <b>Arq. Neuropsiquiatria.</b> São Paulo, p.852-857, 2004.	Medicina e Pedagogia.	DESESTRUTURA FAMILIAR/ECONÔMICA-“O objetivo deste estudo é analisar o resultado de intervenções psicopedagógicas no desempenho intelectual e em algumas funções cognitivas específicas em crianças provenientes de famílias de baixa renda, expostas a fatores pessoais e sociais adversos, como desnutrição, stress familiar, ambientes doméstico e de estimulação empobrecidos” (p.852).
2	BACARJI, K.M.G.D.; et al. Suporte parental: Um estudo sobre crianças com queixas escolares. <b>Psicologia em estudo.</b> Maringá, v.10, n.1, p.107-115, jan./abr. 2005.	Psicologia.	DESESTRUTURA FAMILIAR - “O suporte acadêmico não diferiu entre os grupos. As mães de crianças encaminhadas relataram menos suporte desenvolvimental e emocional, com problemas nas práticas educativas e relacionamento pais-criança conflituoso. Os resultados salientam a necessidade de cuidados de saúde mental para crianças vulneráveis que vivem em ambientes pouco apoiadores” (p.107).
3	BACARJI, K.M.G.D.; et al. Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre. <b>Paidéia.</b> São Paulo, p.43-55, 2005.	Psicologia.	DESESTRUTURA FAMILIAR - “Em relação aos demais grupos, as crianças encaminhadas mostraram mais problemas de comportamento e seu ambiente familiar, menos recursos promotores do desenvolvimento, bem como indícios de maior dificuldade dos pais em lidar com a criança. Sugerem-se estratégias de apoio às famílias que buscam ajuda em serviços da comunidade para lidar com a dificuldade escolar de seus filhos” (p.43).
4	SANTOS, P.L.; GRAMINHA, S.S.V. Estudo comparativo das características do ambiente familiar de crianças com alto e baixo rendimento acadêmico. <b>Paidéia.</b> São Paulo, p.217-226, 2005.	Psicologia.	DESESTRUTURA FAMILIAR - “Os resultados mostram que, de modo geral, o ambiente familiar das crianças do grupo BRA (Baixo rendimento acadêmico) tende a apresentar um número maior de adversidades desde a concepção dessas crianças e essas famílias apresentam NSE (Nível sócio-econômico) e escolaridade mais baixos. Em contrapartida, as famílias do grupo ARA( Alto rendimento) oferecem mais materiais e estímulos para o desenvolvimento das crianças e as mães participam mais das reuniões escolares” (p.217).
5	MARTURANO, E.M. O inventário de Recursos do ambiente familiar. <b>Psicologia: Reflexão e crítica.</b> Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, p. 498-506, 2006.	Psicologia.	ESTIMULAÇÃO FAMILIAR- “Passeios, brinquedos e livros, bem como oportunidades de interação com os pais em casa, foram recursos relacionados a indicadores de bom desempenho escolar e ajustamento” (p.498).

6	SOUZA, B.P. Orientação à Queixa Escolar: Considerando a Dimensão Social. <b>Psicologia, ciência e profissão</b> . São Paulo, p.312-319, 2006.	Psicologia.	DESESTRUTURA ESCOLAR - “Partiu-se da necessidade de desenvolver uma abordagem que superasse as dificuldades das práticas tradicionais, fundadas numa concepção abstrata de indivíduo, desconsiderando seu contexto social para além do grupo familiar e, assim, excluindo a escola da investigação e da intervenção. Nosso objetivo é conquistar uma movimentação da rede de relações na qual emerge a queixa escolar no sentido de sua superação” (p. 313).
7	ASBAHR, F.S.F; LOPES, J.S. “A culpa é sua”. <b>Psicologia-USP</b> . São Paulo, p.53-73, 2006.	Psicologia.	ROTULAÇÃO DO ALUNO/AMBIENTE- “Para tanto, faz uma breve revisão da psicometria e da teoria da carência cultural como representantes da concepção ideológica que centra no indivíduo e no ‘ambiente’ as causas do fracasso” (p.53).
8	PAULI, S.C.; FERREIRA, M.C.R. Construção das dificuldades de aprendizagem em crianças adotadas. <b>Cadernos de pesquisa</b> . Ribeirão Preto, v.39, n.138, p.881-895, set./dez. 2009.	Pedagogia e Psicologia.	DESESTRUTURA FAMILIAR- “Problemas de aprendizagem desses sujeitos, relacionando o sintoma com o curto ou longo tempo de institucionalização por eles vivenciado. Já a literatura psicopedagógica aponta alguns sintomas apresentados por essas crianças, os quais teriam influência sobre a sua não aprendizagem, tais como: dificuldades na estruturação egóica, baixa autoestima, rebaixamento intelectual associado a problemas de comportamento, hiperatividade, desatenção” (p.881).
9	CARVALHO, J.S.F. A produção do fracasso escolar: a trajetória de um clássico. <b>Psicologia-USP</b> . São Paulo, v.22, n.3, s/p, jul./set. 2011.	Filosofia e Pedagogia.	ROTULAÇÃO DO ALUNO - “Em suas análises emerge a singularidade desses agentes, tantas vezes obscurecidas por rótulos e fórmulas abstratas. Por outro lado, em sua pesquisa a peculiaridade do cotidiano de uma instituição não se desliga dos condicionantes históricos de natureza política e social que têm marcado as concepções e práticas educativas em nossa sociedade” (s/p).
10	OLIVEIRA, J.P.; et al. Concepções de professores sobre temática das chamadas dificuldades de aprendizagem. <b>Revista Bras. Ed. Esp.</b> Marília, v.18, n.1, p.93-112, jan./mar. 2012.	Fonoaudiologia e Educação Física.	ORGANIZAÇÃO ESCOLAR/ROTULAÇÃO DO ALUNO- “Os dados apontaram também que esses profissionais tomaram como base, de modo marcante, os aspectos familiares para centrarem as causas das dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, atribuíram à família a maior parcela de responsabilidade na resolução de tais situações” (p.93).

11	OSTI, A.; BRENELLI, R.P. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. <b>Psicologia-USF</b> . Bragança Paulista, v.18,n.3, p.417-426, set./dez.2013.	Pedagogia.	ORGANIZAÇÃO ESCOLAR- "O estudo aponta para a necessidade de considerar as relações sociais estabelecidas na escola e promover reflexão sobre a importância dessas relações no contexto do processo ensino aprendizagem" (p.417).
----	---	------------	--

Neste primeiro quadro exibimos todos os materiais coletados e analisados, para realização desta pesquisa. Apresentamos a área de formação de cada autor e sua opinião e justificativa acerca das dificuldades de aprendizagem. Foi possível verificarmos e dividirmos as ideias e justificativas em grupos, segundo suas semelhanças. Sendo elas na maioria das vezes, focadas no ambiente familiar ou nos indivíduos. Ainda, podemos observar no quadro, que alguns autores, explicam as dificuldades escolares sendo de responsabilidade do ambiente escolar, bem como das práticas pedagógicas.

Os assuntos educacionais, bem como as causas dos problemas de escolarização e a sua superação, estão diretamente relacionados ao ambiente escolar, ou seja, é um tema que diz respeito às instituições de ensino. Contudo, segundo a formação dos autores dos artigos analisados, constatou-se, que são poucos os educadores que pensam e pesquisam sobre essas temáticas. Por isso, ainda se mantem a visão tradicional a respeito das dificuldades de aprendizagem. Os educadores, muitas vezes, não buscam ir além conhecimentos adquiridos, permanecendo assim na zona do conformismo, sem se comprometerem profundamente com o aprender dos alunos com supostas dificuldades.

Assim, no próximo capítulo analisaremos de forma mais detalhada as explicações para as dificuldades de escolarização.

#### **4.1 Justificativas centradas no ambiente familiar**

As dificuldades de aprendizagem, segundo os autores dos materiais analisados, são diretamente associadas ao ambiente familiar desestruturado ou vida extraescolar desprivilegiada dos alunos, ou seja, focam nas relações familiares conflituosas a produção do fracasso escolar. Utilizando essas justificativas, a escola, por sua vez, isenta-se da responsabilidade de ensinar.

**Quadro 2.** Explicações focadas nas relações familiares.

Artigo	Exemplo 1	Exemplo 2	Alternativas para superar os problemas de aprendizagem.
1	<p>“A escola eficiente é considerada um dos fatores importantes que podem ajudar a proteger as crianças de condições sociais muito adversas. Outros aspectos, quer individuais, quer familiares, também são salientados, como um QI mais alto da criança, ser cuidada por pais competentes e a existência de apego entre a criança e os pais. Quando, à baixa condição econômica se associam problemas familiares como alcoolismo, baixo QI e pais com tendências anti-sociais, a probabilidade de crianças escaparem desse ciclo vicioso de carência urbana se reduz”(p.853).</p>	<p>“Apesar das condições sócio-econômicas serem bastante desfavoráveis, a maioria é eutrófica (68%); 31% apresentavam desnutrição. Estudos em crianças desnutridas demonstram melhora significativa da inteligência quando se associaram cuidados de saúde, nutricionais e estimulação adequada. Outros trabalhos confirmam o papel das condições socio-econômicas da família no desenvolvimento cognitivo das crianças. Duncan et al.20 estudaram crianças aos 5 anos de idade, levando em conta a baixa renda familiar, a duração das privações e a escolaridade materna. Esta exerceu efeito benéfico, quando de melhor nível, enquanto que a baixa renda e sua duração, efeito negativo significativo”(p.857).</p>	
2	<p>“Famílias que procuram recursos na comunidade para promover o desenvolvimento de seus filhos podem contribuir efetivamente para melhores resultados, até mesmo em condições desfavoráveis”(p.109).</p>	<p>“O seguimento de crianças com queixas escolares mostra que é essa conjunção de desvantagens pessoais e familiares na meninice o mais forte preditor de problemas de ajustamento e saúde mental na adolescência”(p.113).</p>	<p>“necessidade de cuidados de saúde mental às crianças que, além de apresentarem dificuldades interpessoais, vivem em famílias que não estão conseguindo manter a base de suporte emocional de que necessitam”(p.113).</p>
3	<p>“Com relação aos recursos do ambiente familiar, os resultados da comparação entre grupos indicaram que as crianças referidas, de modo geral, têm menos acesso a recursos promotores do</p>	<p>“No grupo não clínico com desempenho inferior no TDE( Teste de desempenho escolar), a entrevista sinalizou falhas no suporte Ao desenvolvimento e aprendizagem,</p>	<p>“Os resultados dessas pesquisas sugerem que os pais e a família podem direcionar positivamente o aprendizado escolar, a motivação da criança para os estudos e o desenvolvimento de competências interpessoais que garantem um bom relacionamento com professores e</p>

	<p>desenvolvimento, e essa desvantagem se verifica tanto em relação ao grupo NCM (grupo não clínico com classificação média ou superior no TDE) como ao NCI (grupo não clínico com classificação inferior no TDE). As crianças do grupo C realizam menos passeios, menos atividades junto com os pais, possuem menos brinquedos e materiais promotores do desenvolvimento, menos livros, revistas e jornais. Trata-se de recursos que a literatura aponta como relevantes para o desempenho escolar” (p.51).</p>	<p>uma categoria que abrange itens como: pouco envolvimento dos pais na escolaridade do filho, falhas na supervisão de tarefas escolares, desvalorização da atuação da escola, pouco envolvimento em lazer”(p.52).</p>	<p>colegas”(p.44).</p>
<p>4</p>	<p>“No contexto da aprendizagem, observa-se que, tanto fatores orgânicos quanto psicológicos e ambientais interferem no rendimento da criança, destacando-se o papel da família no bom desenvolvimento e interação da criança com as questões escolares. A exposição ao risco na dimensão familiar pode se iniciar desde a gestação, incluindo o fato de a criança ter sido ou não desejada, de que a mãe era muito jovem ou adolescente e mesmo solteira na época da gravidez. Insere-se também neste contexto, a adoção, dificuldades financeiras, problemas de saúde física dos membros da família, de saúde mental dos pais, consumo de álcool e/ou droga por eles, morte de algum membro, nascimento de um irmão, conflitos conjugais, separação dos pais, mudança de cidade ou residência, insegurança e/ou inconsistência dos pais, superproteção, indiferença e rejeição e agressividade física ou verbal dos pais com a criança” (p.218).</p>	<p>“A alta porcentagem, no grupo de baixo rendimento, de mães amasiadas e solteiras na época da concepção sugere ainda a possibilidade de a gestação ter ocorrido num contexto instável ou, no mínimo, não preparado para receber a criança, o que talvez justifique também as reações negativas da mãe, pai e familiares dela. Por outro lado, o grupo de alto rendimento concentrou um número maior de mães casadas na época da concepção, o que sugere que a presença do companheiro pode significar uma fonte importante de apoio que favorece o desenvolvimento infantil, talvez por aumentar a disponibilidade de tempo e atenção dada à criança por parte da mãe e mesmo do pai”(p.224).</p>	<p>“Os resultados deste estudo reforçam a importância do papel da família e do ambiente em geral em proporcionar condições que estimulem o desenvolvimento infantil, ficando evidente a relevância de realização de trabalhos junto às famílias com o objetivo de ajudá-las a estruturar, organizar e enriquecer o ambiente de desenvolvimento da criança, muitas vezes utilizando recursos já existentes”(p.225).</p>

5	<p>“Verificou-se que as crianças avaliadas na escola, com desempenho médio ou superior no TDE (Teste de desenvolvimento escolar de Stein), eram as que tinham acesso a mais recursos no ambiente familiar, ao passo que as crianças com queixa escolar, avaliadas na clínica, viviam nos ambientes com menos recursos”(p.500).</p>	<p>“Em concordância com o esquema conceitual usado para organizar os domínios de recursos do ambiente familiar no RAF( Inventário de Recursos do Ambiente Familiar), as variáveis vistas como recursos promotores de processos proximais foram as que mostraram associação mais consistente com resultados escolares. O conjunto de recursos mais significativos inclui o acesso a passeios, a disponibilidade de livros e brinquedos, a oportunidade de interação com os pais em casa”(p.502).</p>	
8	<p>“Sendo considerada uma saída viável para solucionar o problema de crianças que vivem em situação de risco psicossocial, encontra-se amparada em forte convicção de que o contexto familiar representa o melhor lugar para o desenvolvimento infantil, para o equilíbrio emocional da criança”(p.883).</p>	<p>“Dentro de um contexto social em que o desenvolvimento acadêmico é considerado prioridade e que favorece a saúde mental da criança, os eventos familiares vivenciados por adotivos são vistos como determinantes de seu insucesso, já que sua história pretérita traz, muitas vezes, um conjunto de acontecimentos que, segundo a ciência psicopedagógica, justificam essa problemática”(p.885).</p>	

Conforme estudos e teste realizados em alunos, os autores dos artigos acima, afirmam que educandos com dificuldades no processo de escolarização, são provindos de famílias conflituosas ou de fatores sociais, culturais e/ou biológicos desprivilegiados. Segundo Patto (1994), essas afirmações, são ideias preconceituosas sobre as famílias dos educandos, que supostamente apresentam dificuldades no processo de escolarização.

A partir deste quadro, constatamos que os autores, de forma errônea, alegam que o ambiente no qual o sujeito convive e se desenvolve, pode contribuir positivamente ou negativamente em sua vida escolar e social. Em outras palavras, eles afirmam que a educação do aluno está diretamente associada às condições fora do contexto escolar.

Assim como nos materiais analisados, Patto encontrava, essas mesmas justificativas focadas nas relações familiares, na pesquisa que desenvolveu na década de 1980, ou seja, ainda se mantem os mesmos argumentos. Para exemplificarmos este dado, buscamos na obra da autora, o relato da vida escolar de uma educanda, que torna visível a associação que a professora faz entre relações familiares e aprendizagem, tirando de si a responsabilidade do não aprender da aluna:

A mãe é de cor, o pai é louro. Fala, fala, diz que tem três irmãos e ela. Ela disse: “meu pai é um bunda mole, minha mãe deu uma surra nele, ele não reagiu, ele ficou com medo dela”. Outros na classe contaram a mesma coisa. Ela é sem capricho nenhum. O caderno dela dá vontade de chorar. Não faz nada direito. Omite letra, não fixou as últimas sílabas. Troquei de lugar porque conversa demais, estou controlando. Mas ela não tem problema não, a não ser estas brigas do pai e da mãe. É preguiçosa mesmo, conversa demais, não dá tempo, né, Maria Helena? (PATTO, 1990, p.434)

Os argumentos que os educadores utilizam para justificar o fracasso escolar de seus alunos não são suficientes ou ao menos não deveriam ser. De acordo com Patto (1990, p.356), os problemas familiares não devem ser utilizados como única explicação, para o fracasso escolar do aluno, pois isso “implicaria uma redução psicologizante na abordagem da questão, a qual repetiria os equívocos do raciocínio tradicional quando aplicado á questão do rendimento escolar”.

A escola e sociedade como um todo, criam expectativas e impõem o padrão familiar ideal para os indivíduos, isto é, famílias nucleares, estruturadas e com boas condições sociais, pais trabalhadores desde que tenham tempo disponível ao chamado da escola e no auxílio das tarefas de seus filhos. As instituições de ensino afirmam que para o aluno aprender, é necessário se ter um ambiente familiar favorável, pois sem o mesmo, se torna difícil obter o sucesso escolar.

[...] estudos reforçam a importância do papel da família e do ambiente em geral em proporcionar condições que estimulem o desenvolvimento infantil, ficando evidente a relevância de realização de trabalhos junto às famílias com o objetivo de ajudá-las a estruturar, organizar e enriquecer o ambiente de desenvolvimento da criança, muitas vezes utilizando recursos já existentes (Artigo 4, 2005, p.225)

Ao analisarmos a citação acima, bem como os materiais que centram as dificuldades escolares no ambiente familiar, percebemos que eles sempre apontam como solução o envolvimento dos pais na vida escolar de seus filhos, uma vez que o envolvimento dos mesmos, mostram relações significantes existentes no desenvolvimento e desempenho escolar do educando. Em outros dizeres, é necessário que os pais se submerjam na vida escolar, fornecendo ajuda e apoio na realização das tarefas de casas e nos estudos, suporte de materiais oferecidos em casa (livros, revistas, jornais, brinquedos) e manter um ambiente familiar agradável e acolhedor, possibilitando o aprender e o sucesso na aprendizagem escolar.

Se o ambiente no qual o educando vive, é determinante em sua vida escolar, então podemos afirmar que o artigo 1( 2004, p.853) , se contradiz, ao dizer que “ A escola eficiente é considerada um dos fatores importantes que podem ajudar a proteger as crianças de condições sociais muito adversas” ?. Pois, conforme com ressaltado anteriormente, os autores afirmam que o aluno com condições desfavoráveis, está determinado ao fracasso. Sendo assim, a escola não poderá fazer nada, uma vez que, aquilo esta determinado, não se muda.

Deste modo, as justificativas centradas nas relações familiares argumentam que um bom desempenho escolar de um aluno depende diretamente das boas interações com os pais e com o ambiente o qual vive, ou seja, essas interações geram resultados positivos no processo educacional. Caso não exista estabilidade familiar que a escola espera, o aluno sem condições é incapaz de aprender e a instituição de ensinar, pois a família é a fonte de apoio do aluno, e as relações

familiares em sua maioria é que determinam o sucesso ou insucesso escolar do aluno.

#### **4.2 Crítica a visão centrada no aluno e sua família**

Em sentido oposto ao que foi apontado no item anterior, o quadro a seguir apresentará crítica às justificativas do fracasso escolar centradas no indivíduo e em seu ambiente familiar. Isto é, os autores destacam as formas errôneas de alguns trabalhos, que visam explicar o não aprender na vida extraescolar dos estudantes.

**Quadro 3.** Apontamentos críticos a visão situada no indivíduo e no ambiente familiar.

Artigo	Exemplo 1	Exemplo 2	Alternativas para superar os problemas de aprendizagem.
6	<p>“daí nossa contraposição às práticas adaptacionistas, que entendem a superação da queixa escolar como a mudança apenas da criança/adolescente portador da queixa, abrangendo também sua família, mas deixando intocada a escola”(p.314).</p>	<p>“Nunca pedimos, logo em seguida à queixa escolar, informações acerca de gravidez, amamentação, desenvolvimento neuropsicomotor, relacionamento com os pais ou constelação familiar. Essas perguntas serão feitas apenas se fizerem sentido dentro do quadro que se vai desenhando; do contrário, a mensagem subliminar que se passa aos pais é de que a queixa escolar decorre de problemas inerentes à criança e/ou a sua família”(p.316).</p>	<p>“Conquistar a produção escolar da criança em atividades com sentido e carregadas de afetividade, num ambiente acolhedor, tem revelado muitos conhecimentos onde escola e pais pensavam que não havia quase nenhum, além fazer com que a própria criança se aproprie e imprima movimento a capacidades que julgava inexistentes ou com as quais tinha uma relação penosa e envergonhada”(p.317).</p>
7	<p>“Analisando as hipóteses apresentadas pelas professoras, podemos perceber que estas giram em torno dos problemas familiares e individuais dos alunos. Em raros momentos há menção à responsabilidade da escola na construção dessas queixas ou reflexão sobre o trabalho docente”(p.60).</p>	<p>“À família é atribuída outra parcela da culpa pelos problemas escolares. Os alunos não aprendem porque sua constituição familiar não é favorável ao bom desenvolvimento psíquico e ao sucesso escolar: os pais são promíscuos, violentos, não valorizam a escola, não dão atenção, ficam muito tempo fora de casa”(p.64).</p>	<p>“os professores precisam investir nesses alunos “marcados por problemas emocionais” e não abandoná-los sob a justificativa de que o sofrimento impede a aprendizagem escolar. Não estamos, com isso, querendo dizer que os professores se tornem psicanalistas ou terapeutas em sala de aula - essa não é sua função. Cabe a eles voltar o seu fazer pedagógico para todas as crianças em idade escolar, acolhê-las em sua diversidade, sabendo que aprender é mais do que assimilar conteúdos”(p.67).</p>
9	<p>“o "fracasso escolar" tende a ser concebido como resultante de "distúrbios de personalidade" ou de obstáculos – sejam eles orgânicos, afetivos, familiares ou culturais – que afetam o indivíduo isoladamente considerado; as relações entre professores e alunos, por sua vez, tendem a ser vistas em abstração do entorno institucional em que ocorrem e dos condicionantes políticos e</p>	<p>“o "fracasso escolar" tende a ser concebido como resultante de "distúrbios de personalidade" ou de obstáculos – sejam eles orgânicos, afetivos, familiares ou culturais – que afetam o indivíduo isoladamente considerado; as relações entre professores e alunos, por sua vez, tendem a ser vistas em abstração do entorno institucional em que ocorrem e dos condicionantes políticos e</p>	

	ideológicos que sobre ellas incidem”(s/p).	ideológicos que sobre ellas incidem”(s/p).	
--	---	---	--

De acordo com análise dos artigos deste quadro, os autores afirmam que é comum as instituições de ensino, diante dos problemas de aprendizagem e sem ter condições suficientes para combater o fracasso, buscam abolir sua responsabilidade, atribuindo a culpa a família. Assim a escola mantém-se em zona de conformismo, sem a preocupação de encontrar praticas pedagógicas para o aprender de todos os alunos.

Os autores, argumentam que a função da escola não é rotular ou justificar o não aprender dos alunos em seus problemas extraescolares, visto que todos os indivíduos em certos momentos da vida passam por situações conflituosas, sejam elas no ambiente escolar, familiar e no trabalho.

Assim como os autores desse item, Patto(1990, p.356) acredita, precisamos focar nas relações escolares:

Mesmo no caso de identificação de uma psicodinâmica familiar dificultadora do bom rendimento escolar, não se pode entender o comportamento escolar de uma criança sem levar em conta a maneira como a escola se relaciona com sua subjetividade. Não basta dizer que a criança vem para escola presa de angústias predominantemente esquizo-paranóides ou depressivas decorrentes das relações familiares que se estabelecem na pobreza. Mesmo nos casos em que isto for demonstrável, é preciso levar em conta a natureza da experiência escolar e suas relações com os temores com os quais a criança pode ter chegado à escola; estas experiências certamente consolidam e aumentam tais temores ou colaboram para sua elaboração e superação.

Foi possível notarmos que os autores deste item, ressaltam a importância da escola buscar o desenvolvimento escolar do estudante, por meio de atividades bem planejadas e preparar um ambiente agradável e acolhedor, tirando o foco centrado no indivíduo e em sua família, assim como outras pesquisas estão pesquisas estão acostumadas, as quais insistem em afirmar que o ambiente familiar é o provedor e determinante da produção do fracasso escolar.

### **4.3 Justificativas centradas na prática pedagógica do professor/ ambiente escolar**

Neste item são ressaltados pontos que nos possibilitam compreender algumas falhas comuns, cometidas pela equipe pedagógica, destaca-se que a mesma não necessariamente é a única causadora da produção do fracasso escolar. Todavia, as escolas ao apropriarem-se de justificativas e rotulações errôneas, acabam por manter alunos que vivenciam situações conflituosas, na produção do fracasso escolar. Isso nos mostra que a escola, de certo modo, ao invés de promover o desenvolvimento do educando, limita-o.

**Quadro 4.** Explicações situadas na prática pedagógica e na escola.

Artigo	Exemplo 1	Exemplo 2	Alternativas para superar os problemas de aprendizagem.
10	“a reação dos professores frente aos alunos com dificuldades de aprendizagem é de pouca expectativa em relação ao futuro desses, tanto escolar como social, ou seja, geralmente fazem uma avaliação negativa dos alunos em comparação com os outros alunos”(p.103).	“Os relatos dos professores, contagiados pela ideologia do dom, deixam ver que todos eles concebem o problema como inerente ao aluno e, portanto, parece ser o sujeito o “portador” dessa dificuldade apontada”(p.105).	“Deste modo, podemos assumir que as dificuldades de aprendizagem somente serão devidamente superadas se considerarmos também as dificuldades de ensinagem presentes nos processos ensino-aprendizagem deflagrados em nossas escolas”(p.95).
11	“quando o professor desacredita da capacidade de seu aluno, tratando-o com menos entusiasmo e incentivo, é provável que o estudante acabe por representar negativamente a si mesmo”(p.420).	“Pode-se afirmar que essas crianças evidenciam uma necessidade de pertencer. Acredita-se que a aprendizagem é, até certo ponto, condicionada tanto pelas possibilidades e capacidades do aluno (nível cognitivo e conhecimentos prévios), quanto pela interação vivenciada em sala de aula com seus pares. Esse grupo de alunos parece sentir o aprender como uma experiência tensa, negativa. Isso é percebido quando os mesmos relatam que gostariam de ser chamados na lousa, que desejam receber um elogio e que sentem medo de pedir ajuda ao professor”(p.420).	“Os resultados conduzem para a necessidade de um debate sobre a questão da formação e do papel das representações no processo de aprendizagem. A formação constitui um processo de construção da identidade profissional, por isso ela deve ser pautada na articulação entre conhecimento, pesquisa e prática. Também sugerem que a atitude do professor reflete sobre o aluno, interferindo e de certa forma reforçando tanto seu comportamento quanto sua própria motivação para aprender”(p.423).

Diante dos estudos do quadro 4, é possível entender que, crianças com maiores dificuldades que não conseguem acompanhar e executar o que é proposto pela professora, são tratados com indiferenças e rotulações, fazendo com que os educandos se frustrem, interiorizando assim um sentimento negativo contra escola.

Neste sentido, entende Patto (1990, p.357) que “as observações que realizamos na escola revelam que os educadores muitas vezes tomam atitudes realmente castradoras e sádicas, o que pode confirmar as fantasias de alguns de seus alunos, mergulhando-os num mundo de perseguição real”, isto, pois, o professor passa a desacreditar no educando com dificuldades, sem ter expectativas de aprendizagem.

A escola adota conceito estereotipado do perfil de um aluno ideal, e os que não se encaixam, são tidos como incompetentes e incapazes, tirando fora de foco a responsabilidade do não aprender.

Segundo artigo 10 (2012, p.103):

“a reação dos professores frente aos alunos com dificuldades de aprendizagem é de pouca expectativa em relação ao futuro desses, tanto escolar como social, ou seja, geralmente fazem uma avaliação negativa dos alunos em comparação com os outros alunos”.

Compreendemos que um dos equívocos cometidos pelos docentes é vincular o não aprender do aluno a fatores exteriores ao espaço escolar, sem ao menos repensar em sua prática pedagógica e reanalisar o ambiente o qual tem preparado para receber os seus alunos, isto é, alguns professores não se comprometem em preparar aulas utilizando novos mecanismos e estratégias de acordo com as necessidade dos alunos que apresentam maiores dificuldades em aprender.

Em linhas gerais, após a análise detalhada dos materiais coletados, entende-se que os autores buscam encontrar as causas e explicações para o baixo rendimento escolar, porém não destacam possíveis estratégias de ensino para educar todos os alunos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu do princípio, que a educação só obtém bons resultados quando são utilizados mecanismos de articulação entre o ambiente familiar e o escolar, compreendendo o que é específico e característico da educação escolar.

Dessa forma o intuito deste trabalho foi o de investigar relações pedagógicas, descritas na literatura acadêmica, favorecem o desenvolvimento escolar de crianças. Para problema de pesquisa, formulou-se: O período investigado se limitou entre os anos de 2003 a 2013, visto o interesse de se verificar os estudos recentes e atualizados, no que diz respeito ao tema do trabalho.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, que foi fundamentada por meio das contribuições de Patto (1984, 1988, 1990, 1994), na qual se discute a produção do fracasso escolar. Trata-se de uma concepção crítica de Psicologia e de Educação que denuncia que atributos individuais ou familiares isoladamente não podem explicar processos de escolarização.

Entretanto, em linhas gerais, ao analisarmos os materiais pesquisados no banco de dados da *Scielo*, como já citado anteriormente, que se trata de uma biblioteca científica virtual, não nos deparamos com práticas pedagógicas, que contribuíssem com a aprendizagem.

Ao contrário do exposto, nos deparamos com mais estudos que continuam a dizer que os problemas de aprendizagem, dizem respeito às condições familiares das crianças. Neste sentido, nos mostra que, em relação ao que se propunha na pesquisa, não obtivemos evidências que nos permitissem acentuar uma organização diferenciada do professor, isto é, uma prática pedagógica em favor de alunos que supostamente vivem em situações desfavorecidas de aprendizagem. Se o problema está na família, o professor não pode mudar a família do aluno, então se ele foca nisso, não vai ensinar, vai achar que ninguém pode aprender.

O que compete à escola é o ensinar a todos sem distinção, isto é, promover o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Porém, nas literaturas estudadas, nos deparamos com a reprodução das tradicionais justificativas para o não aprender, mais especificamente para o não ensinar, isto é, a escola afirma que o problema

está na família, o professor não podendo mudar o contexto o qual o aluno vive, não busca mecanismos para ensiná-los.

As instituições de ensino, não são as únicas responsáveis pela produção do fracasso escolar, todavia cometem a grande falha em focar apenas nos conflitos familiares, sem realmente buscar alternativas que promovessem as crianças ao bom desempenho escolar. O professor sem saber lidar com os educandos que apresentam dificuldades, acaba por desistir dos mesmos, confirmando assim a desvalorização do aluno.

Ao analisarmos as principais ideias presentes nos artigos coletados, foi possível concluirmos que a produção de conhecimento científico limita-se a descrever que famílias com problemas geram crianças com dificuldades para aprender. Assim, nos mantemos no mesmo lugar, sem contribuir com o desenvolvimento do aluno, pois parece que não há conhecimento que possa ser utilizado pelo professor para ensinar, assim como causa e efeito, o aluno está determinado ao não aprender devido as suas condições extraescolares e como efeito de tal causa, o professor se contenta e não vai em busca de alternativas e recursos compatíveis, com as necessidades, para que seus alunos obtenham de fato um bom aprendizado.

Gostaríamos, no final desta pesquisa, motivar a todos os profissionais da educação a sistematizarem e pensarem sobre o conhecimento já elaborado sobre as estratégias pedagógicas para o ensino de crianças que apresentam dificuldades em seu processo de escolarização, segundo perspectiva da escola, para verificarmos o que verdadeiramente compete à escola e aos profissionais da educação, a despeito das ocorrências extra pedagógicas. Uma vez que, cabe aos profissionais da educação, instituições de ensino e estratégias educativas a necessidade de modificarem suas teorias, práticas de ensino, concepções pedagógicas, atendendo assim a todos os alunos, sem rotulações e indiferenças. Cessando assim as dificuldades que os educandos apresentam, garantindo-lhes uma educação digna e de qualidade.

À medida que adquirimos novos conhecimentos e saberes, aprimoramos o nosso modo de agir, pensar e viver. E que nós, futuros profissionais da Educação, possamos sempre aprimorar nossas práticas pedagógicas em favor do aprendizado de nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

CALADO, V.A. **Escolarização, gênero e conflito com a lei**: um estudo de registros de atendimento e adolescentes em medida socioeducativa. 2010. f. Dissertação (mestrado)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.22-44, 2010.

CHECHIA, V.A. **Intervenção com grupo de pais de alunos com insucesso escolar**. 2009.-p. Tese (doutorado)- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. São Paulo, p.08-47, 2009.

FERREIRA, T.C.M; MARTURANO, M.E. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.15, n.1, p.35-44, 2002.

GIL, A.C. Que é pesquisa bibliográfica?. In: \_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, p.30-44, 2002.

MACEDO, C. S.; et al. Alterações cognitivas em escolares de classe socio-econômica desfavorecida. **Arq. Neuropsiquiatria**. São Paulo, p.852-857, 2004.

MARTURANO, M.E. Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.15, n.2, p. 135-142, maio./ago. 1999.

PATTO, M. H.S. **Psicologia e ideologia**: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

\_\_\_\_\_. O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, 1988 p.72-77.

\_\_\_\_\_. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

\_\_\_\_\_. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n. 1/2, p. 107-121, 1994.

PINHEIRO, S.S.; WEBER, C. Fracasso escolar: o que as pesquisas recentes indicam acerca de suas causas? In: ANPED - IX SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012. **Resumos de trabalhos**. Caxias do Sul, 2012, p.12.

SOUZA, M. P. R. Problemas de aprendizagem ou problemas de escolarização? Repensando o cotidiano escolar à luz da perspectiva histórico-crítica em psicologia. In: TRENTO, D.; KOHL, M; REGO, T. (orgs). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002, p.49-55.

## FONTES

ASBAHR, F.S.F; LOPES, J.S. "A culpa é sua". **Psicologia-USP**. São Paulo, p.53-73, 2006.

BACARJI, K.M.G.D.; et al. Suporte parental: Um estudo sobre crianças com queixas escolares. **Psicologia em estudo**. Maringá, v.10, n.1, p.107-115, jan./abr. 2005.

BACARJI, K.M.G.D.; et al. Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre. **Paidéia**. São Paulo, p.43-55, 2005.

CARVALHO, J.S.F. A produção do fracasso escolar: a trajetória de um clássico. **Psicologia-USP**. São Paulo, v.22, n.3, s/p, jul./set. 2011.

MACEDO, C. S.; et al. Alterações cognitivas em escolares de classe socio-econômica desfavorecida. **Arq. Neuropsiquiatria**. São Paulo, p.852-857, 2004.

MARTURANO, E.M. O inventário de Recursos do ambiente familiar. **Psicologia: Reflexão e crítica**. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, p. 498-506, 2006.

OLIVEIRA, J.P.; et al. Concepções de professores sobre temática das chamadas dificuldades de aprendizagem. **Revista Bras. Ed. Esp.** Marília, v.18, n.1, p.93-112, jan./mar. 2012.

OSTI, A.; BRENELLI, R.P. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psicologia-USF**. Bragança Paulista, v.18,n.3, p.417-426, set./dez.2013.

PAULI, S.C.; FERREIRA, M.C.R. Construção das dificuldades de aprendizagem em crianças adotadas. **Cadernos de pesquisa**. Ribeirão Preto, v.39, n.138, p.881-895, set./dez. 2009.

SANTOS, P.L.; GRAMINHA, S.S.V. Estudo comparativo das características do ambiente familiar de crianças com alto e baixo rendimento acadêmico. **Paidéia**. São Paulo, p.217-226, 2005.

SOUZA, B.P. Orientação à Queixa Escolar: Considerando a Dimensão Social. **Psicologia, ciência e profissão**. São Paulo, p.312-319, 2006.